ANO 5.º — Sexta-feira, 16 de Agosto de 1912 — NUMERO 234

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . 2$500 réis
Avulso . . . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

EM RESPOSTA

Estava longe de supôr, quando dei por terminadas as considerações inteiramente pessoais que fiz ácêrca da defêsa de Chaves, que teria as honras de uma replica por parte do capitão sr. Maia Magalhães, que começa por dizer —decérto para maior liberdade de acção —que não me conhéce.

Não tem isso importancia alguma para o nosso caso.

Com muitos sucéde a mesma coisa: sentam-se hoje lado a lado, no mesmo banco da escola, estudam juntos as mesmas lições, tomam parte nas mesmas brincadeiras e diabruras... Mais tarde, separados largos anos, reencontram-se, e a regra é infalivel: ha sempre um, menos plebeu, que esquece facilmente os companheiros de *in ilo*...

Vejo que o sr. Maia Magalhães sofre tambem da mesma bretoeja e, pendurado do alto das suas agulhêtas, já não conhéce facilmente os... outros.

Tanto monta.

Vâmos ao seu artigo, meu senhor, e vâmos vêr como o sr. Maia Magalhães, que se julgou talvez armado em profêta a ditar escrituras sobre a defêsa de Chaves, se vai vêr obrigado a reconhecer que um oficial do estado maior, mesmo com agulhetas e tudo, está muito longe da infalibilidade de Moisés ou de Jeremias...

Começo por dizer ao sr. Maia Magalhães que aproveitou mal o seu tempo, visto dispôr de tão pouco.

Em toda a parte, em todos os problemas, quer o sr. capitão os vá buscar á mecanica quer á tactica, quer á quimica, ás ciencias sociais ou á estratégia, a parte principal é aquéla que se pretende demonstrar:—**é a tése.**

O resto são tudo elementos secundarios, de maior ou menor importancia, que gravitam em torno do fulcro da questão, mas que, talqualmente as estrelas ofuscadas pela luz mais intensa do sol, representam no sistema, um papel que a importancia da questão capital, da questão em tése repulsa para segundo plano.

Ora, concretisando, eu puz a questão no seguinte pé:

Devendo ser Chaves o objectivo de Couceiro, por que Montalegre para nada lhe servia, a saida da guarnição de aquéla praça, em socôrro désta vila foi um erro estratégico.

Demonstrou o ilustre oficial de estado maior a falsidade da minha hipotese, anulando, portanto, a consequente tése, por falta de base?

O mesmo senhor diz claramente que de tal não cuida, mas sim de *desfazer pequenos* enganos...

Se o sr. Maia Magalhães, na sua qualidade de oficial de estado maior, põe de parte os grandes problemas da estratégia para cuidar de ninharias secundarias, então, perdôe-me a franqueza, não lhe merecia a penna *perder* dois anos a fazer o Curso Superior de Guerra.

O sr. Maia Magalhães inutilisou assim tres colunas e meia do *Campeão* para nada, pois a questão está inteiramente de pé, visto que o capitão Maia Magalhães do estado maior não conseguiu desfazer um unico dos argumentos com que defendo a minha hipotese, argumentos em que o mesmo senhor nem sequer tocou e que envolvem toda a parte estrategica da questão.

O seu artigo, sr. Manuel Firmino de Almeida Maia Magalhães, em que perde um tempo precioso a dizer onde fica a serra de Larouco, a discutir a classificação da *praça* de Chaves, e a tratar da saia balão, e quejandas banalidades, não representa mais do que uma tentativa para empoeirar os olhos dos leigos.

Desde que o sr. oficial não entrou na questão de facto, eu podia deixar de responder ao resto do seu humoristico artigo, dizendo-lhe que êle não meréce resposta—de coisas tão insignificantes se ocupa em todo êle; mas póde o respeitavel publico aveirense vêl-o outra vez heroi atravéz do seu artigo e batisar outra rua com o seu nome.

Era molestia e é preciso evitar que se transforme em epidemia.

Se sou ou não militar pouco importa para o caso, desde que, como cidadão livre e no pleno uzo dos meus direitos civis posso exercer o da livre critica dos actos dos meus concidadãos, em que lhe pése ou não.

Vâmos á Serra de Larouco.

Ao noroéste de Montalegre, fica, a 7 kilometros, a cóta de nivel mais elevada da Serra de Larouco, serra que, constituindo uma ramificação do Gerez, pelo noroéste do Cávado, se prolonga depois para sudoéste, constituindo a divisoria entre o Cávado e o Mizaréla.

Não póde pois, o sr. capitão, sob pena de erro, tomar a parte pelo todo: uma coisa é o plató do Larouco, outra, a serra, o macisso do Larouco, a que me refiro.

Este prolongamento do plató do Larouco entre o Cávado e o Mizaréla, vem nuns mapas com o nome de Serra de Montalegre e na Carta Corografica de Portugal, do engenheiro, José Beça—uma das mais perfeitas—com o nome de **Serra de Larouco.**

Mas—senhor capitão!—eu não discuto nomes. Tanto me importa que a serra se chame Larouco, como não. Eu discuto a região; eu discuto a marcha de Couceiro, e é nisto que o sr. capitão não bole...

O sr. capitão agarrou-se ás palavras, vê-se que sabe lêr bem... mas não soube mais nada: não se trata de palavras, trata-se da possibilidade da marcha de Couceiro atravéz da Serra de Larouco ou Serra do Inferno, se lhe quizér assim chamar, e atravessar o Rabagão em qualquer pontesita rustica ou improvisada, para se meter ainda á Serra de Cabreira ou mesmo á de Barroso se fizésse muito acima a travessia do rio.

E' isto que se discute.

Palavras claras, argumentos precisos e concretos. Deixe-se de tornear obstaculos espectaculosamente, e ataque-me a questão de frente, como em Gomo-Sierra os lanceiros polacos, ao serviço de Napoleão, atacaram as baterias hespanholass, sr. capitão de cavalaria.

Couceiro, a quem só agora chamam ignorante, tôlo, etc., *tinha como objectivo Chaves ou Montalegre?*

Eu entendo que o objectivo de Couceiro **só** podia ser Chaves. Procurei demonstral-o.

Entende o sr. Maia Magalhães o contrario e que o objectivo de Couceiro era dirigir-se por Montalegre ao encontro dos guerrilheiros de Cabeceiras de Basto?

Queira dizer-nos porquê, mas sem grandes rodeios, sem habilidades.

E' assim que as questões se põem a claro.

Vâmos agora ao tal *natural itinerario.*

E' pela segunda vez que noto que, o sr. Maia Magalhães, capitão de cavalaria e do estado maior, só sabe lêr... palavras. O espirito da questão, escapa-lhe.

Ha uma estrada de Montalegre a Chaves? Ha.

E de Montalegre a Cabeceiras de Basto? e a Braga? e a Ponte do Lima? Não.

Era isso mesmo que eu queria frizar e o senhor Maia Magalhães não compreendeu.

Couceiro passou por outros caminhos?

Passou sim senhor; mas eu desafio o sr. Maia Magalhães a que me afirme que a marcha de Couceiro, de Barroso por Soutelinho para Chaves, apresenta os mesmos obstaculos que a de Montalegre a Cabeceiras.

Outro assunto.

Fala o sr. Maia Magalhães, depois de afirmar que eu não tenho falado com militares do seculo XX—aqui tem sua senhoria razão: tirei previlegio de conversa com os soldados de Jericó e de Jesué,—na *praça de Chaves.*

Praça de Chaves?

Praças militares e fortes! diz triunfante o sr. Maia Magalhães.

Vamos já á questão de facto.

O sr. Maia Magalhães é encarregado de defender... Chaves, por exemplo, de um exercito invasor de 6, 8 ou 10:000 homens. Chegam para um cêrco em forma á ...*importante praça.* Tem 1:000, 1:500 ou 2:000 homens para a sua defêsa. O que faz, sr. Magalhães?

Respondo eu mesmo a esta pergunta: Se, depois de repelido de todas as trincheiras, batido em todos os redutos o sr. Magalhães se não encerrar no forte de S. Neutel, que ha vinte anos eu conheci ainda inteiramente fechado, valente e seguro, e ali mantivér a defêsa em quanto houver um soldado e uma pedra sobre outra para o abrigar, o sr. Magalhães não sería mais o proclamado heroi de Chaves, mas um tristemente celebre chermont de uma nova Olivença do seculo XX.

Então os soldados da Republica não cairam na tolice de se encurralar no forte?

Pois deixasse cair Chaves em poder de Couceiro e veria depois quando quizesse reconsquistal-a como êle sabia encurralar-se lá, senão com exito, pelo menos com desastrado efeito moral para a Republica.

Não viu isto, sr. capitão?

Não viu que uma vez na posse de Chaves, cada muro derruido dos velhos fortes da antiga praça, seria para os realistas um novo Malacof, donde muito bem podia sair a monarquia?

Não viu que cada dia de resistencia era um novo alento para a contra-revolução latente em todo o país e que, portanto, esses restos das fortificações de Chaves, já com os terraplenos derruidos, com os bastiões esbarrondados, já sem valor estetico, haviam de transformar-se em redutos inexpugnaveis á medida que os seus defensores—portuguêses tambem!—fossem vendo levantar-se por toda a parte a guerrilha do padre reaccionario e quiçá as deserções do proprio exercito?...

«*Exercitos de campanha!... Exercitos de campanha!...*»

Para que demonio se encurralaria Stoëssel em Porto Artur, sr. capitão?

Para que serviram a Aleixo Uhrich, os fortes e muralhas de Ltrasbourgo, sr. Maia?

E Todleben? porque não veiu êle bater-se em campo com as forças anglo-francêsas, preferindo recolher-se ás formidaveis fortificações de Sebastopol?

Praças militares e fortes!

Para que precisa Lisboa do chamado campo entrincheirado com os fortes de Monsanto, Alto do Duque, etc, que, *julgo*, não serem do seculo XVII?...

O sr. Magalhães não vê isto tudo?

O sr. lê muito bem, mas vê muito pouco.

Mas, voltêmos á questão.

Quem ler no seu artigo *A defêsa de Chaves por meio de fortes* hade julgar que eu lembrava, ou propunha mesmo, a fortificação de Chaves para defendel-a de Couceiro.

O sr. Magalhães, quiz, para inglês vêr, defender a orientação do comando da praça, atacando os meus artigos, mas meteu desastradamente os pés pelas mãos, não se cingindo uma unica vez ao tema da questão, não apresentando um unico argumento positivo e concreto que justifique a plano de campanha adoptado: fez-se assim, por isto; errou o sr. Beça, por aquilo.

O sr. Maia Magalhães foge á questão principal, interpretando dizeres muito a seu modo e estirando-se em larguissimas considerações, como as dos fortes, as da saia balão, as da opinião que faço de Couceiro, o que é um belo meio de escrever artigos grandes, mas não grandes artigos.

Ora eu não o deixo sair da questão, sr. Maia e meu antigo condiscipulo.

Se Couceiro se apoderasse de Chaves, o forte de S. Neutel éra ou não suscétivel de ser aproveitado para a defêsa da vila, com prejuizo material e pessimo efeito moral para o prestigio da Republica?

Eu afirmo que era.

Diz o sr. Maia Magalhães que não?

Diga porquê.

Sr. capitão, eu vou terminar, mas antes ainda uma outra referencia.

O Couceiro veiu fazer uma operação absolutamente nova em tatica e que eu confesso nunca vi que fosse feita por general algum...

E de aí? A ciencia da guerra não é hoje diversa da que foi na batalha de Aljubarrota ou na Guerra dos Cem Anos?

E quando as descobertas desta ciencia apareciam, eram...*absolutamente novas*, pois não eram?

Se não fossem as inovações o sr. Magalhães manejaría hoje a flecha em vez da espada.

E quanto a resultados, éla não os deu em Chaves, por felicidade nossa, porque os covardes que prometeram a Couceiro o seu auxilio, se ficaram em casa...a mudar de ceroulas.

De resto, sabe o sr. Maia Magalhães tão bem como eu e como toda a gente, que Couceiro trazia gente bastante para esmagar os 170 de Chaves, se se não fica numa apatía imbecil á espéra do pronunciamento de vila.

Concluindo: para escrever os meus artigos não precisei ir a Chaves, como o Capitão Boppe não precisou nascer em 1790 para fazer a historia da legião portuguêsa; como Mr. Brochett não precisou acompanhar as fases da guerra franco-prussiana para escrever a historia militar deste grande acontecimento politico.

Porque abandonou Chaves a sua, guarnição quando o objectivo de Couceiro éra evidentemente esta vila, sr. Maia Magalhães?

O seu artigo não respondeu a isto base da minha questão.

Humberto Beça.

Ao sr. comandante militar

A convicção em que estâmos de que alguem nos ha-de ouvir, por decôro da propria classe militar, que não póde nem deve estar sob a pressão duma suspeita nada honrosa, continuâmos a perguntar em que razões assentou a preferencia dada ao medico militar da reserva que, convidado juntamente com outro em igual situação, para, por escrito, declararem qual dos dois fazia o serviço clinico ás duas unidades aqui estacionadas, mais economicamente para o Estado, se adjudicou esse mesmo serviço ao medico dr. Pereira da Cruz que o faz por **1$500 reis diarios** abandonando-se a proposta do outro facultativo consultado, que se proponha fazel-o por **1$000 reis cada dia.**

Como não achâmos razão explicativa dêste caso verdadeiramente fenomenal, persistimos em pedir a respectiva ilucidação para nós, que é como quem diz para o público, que está intrigado com o que se passa em plena... Republica!

NEGOCIOS ESCUROS

O caso de "chantage,, com a isenção de recrutas

As revelações do DEMOCRATA são acolhidas com aplauso geral do público

O medico Pereira da Cruz péde uma sindicancia que o sr. ministro da guerra vai ordenar

Uma frase dos propagandistas republicanos:

Haja moralidade!

O estado morbido em que se encontram ainda alguns elementos da sociedade portuguêsa é a prova frisante do contacto pernicioso e deletério ou do exemplo constante de depravação moral e politica que ha largos anos nos vinham oferecendo as nefastas instituições, que tombaram mediante o golpe tremendo e decidido que receberam na manhã de 5 de Outubro de 1909.

Se decepáda, porém, foi a cabeça de tal corpo, gangrenado e corroido por variadas doenças que deviam irremediavelmente produzir a morte, não foi ainda, como tem de ser feita, completa a separação e destruição de muitos elementos, que, havendo pertencido, como membros complementares dum organismo em decomposição, têm, no novo sistêma, por principios e razões que o tempo demasiadamente demonstrou, sido perigosos, pela tolerancia dispensada, encontrado razões de vida, que cedo os levou á pratica de identicos actos criminosos, como se se encontrassem ainda a dentro do regimen de baixo imperio onde êles se desenvolveram tão extraordinariamente.

Compreendemos que não seja taréfa imediata, nem mesmo possivel a sua realisação com a rapidez que, de facto, se torna precisa; mas o que é natural e intuitivamente necessario é que se vá preparando o caminho para a seléção que se impõe, para o saneamento que se precisa.

Os destinos e os serviços da Republica não podem continuar nas mãos sujas e nas garras aduncas dos velhos servidores dêsse regimen de torpezas, que se afundou num mar de lama.

Se o país em toda a sua extensão, sofreu e duramente se resentiu dêssa epoca em que, á vontade, se cometiam as maiores infamias ao mesmo tempo que se ceváva aquele historico *animal* de engorda, de olhar baixo e lugubre grunhido, que as forças imperiosas de varias circunstancias mandaram abater em pleno Terreiro do Paço, Aveiro e todo o seu distrito eram o teatro onde se exibiam as maniguancias mais repugnantes e criminosas da companhia de saltimbancos que um bélo dia por aqui apareceu, oferecendo os seus serviços e manifestando as suas habilidades, desde gatunices vulgares até á realisação de grossas e complicadas ladroeiras!

Houve um determinado e *respeitavel* público que afectou não gostar do genero daquêles trabalhos chegando a declarar-se rudemente contra a companhia, ao mesmo tempo que, agregando varios elementos a si, organisava outra com o mesmo programa, mas com rotulo diferente, justificando a sua razão de vida, no direito que lhe advinha da sua naturalidade e residencia aqui, que a autorisava a chamar aos outros intrusos e metediços!

Os directores da companhia assobiada não desanimáram e, reconhecidos mutuamente pelos proprios dirigentes que tanto valiam uns como outros, e ainda, que, não podendo haver moralidade, tinha de aceitar-se o dilêma do sapateiro de Braga, fundiram-se por fim com os rivaes para explorarem então o negocio por conta propria!

Bélo tempo, esse!

Comiam todos, embora, é certo, uns muito mais que outros, na razão directa da grandêsa estomacal!...

Atingiu o *zenit* essa época de verdadeira desmoralisação em que se punha, sem rebuço, em prática toda a série de violencias e de torpêsas, logo que délas adviessem o engrandecimento para o poder pessoal dos diregentes — conde de Agueda & C.ª—ou então a respectiva recompensa em metal sonante, com que varios socios se locupletavam sem o menor escrupulo.

Nesses tempos e até á data em que a proclamação das novas instituições dissolveu a infamissima sociedade, o genero de industria contra o qual desde o nosso numero passado nos vimos insurgindo, atingiu o maior descaramento, a mais revoltante desvergonha!

Não estranhâmos, pois, que os que mais se distinguiram néssa rendosa infamia e torpissima exploração, não tenham hoje forças para abandonar tão lucrativo quanto ignobil tráfico, esquecendo-se que o sol que agora nos aquece, resplandecente, dardeja sobre nós a luz intensa e viva da moralidade, da justiça e da lei!

* * *

Se para um grande numero de leitores a detalhada referencia que aqui fizemos dos factos passados na junta inspeccionadora, no concelho de Ilhavo, causou profunda impressão, para a maior parte, porém, éla não implicou novidade digna de registo, pela simples rasão de que apenas traduzia a confirmação do que ha longo tempo era abertamente do dominio publico!

Ha só unicamente implicado no repugnante *negocio* o individuo que os mancebos inspeccionados apontam, clara, terminantemente nas suas declarações, que assinaram na presença de todos os membros da junta e na posse da qual élas ficáram?

Desconfiâmos que não. Pelo menos afirma-se que ha egualmente *agentes* que diligenciavam trazer aos seus comissarios, o sr. Pereira da Cruz e outros, os *freguêses* a quem convenciam da superioridade daquêles!

O sr. governador civil a quem em primeiro logar fôram apresentados esses documentos, ficando absolutamente convencido da sua indiscutivel autenticidade, declarou que se faria toda a justiça—**custasse o que custasse!**

O facto em si e ainda a respeitabilidade de caracter e de posição dos possuidores e apresentantes de taes declarações não podiam de forma alguma oferecer a mais leve sombra de duvida ao espirito de s. ex.ª, tambem militar e dos mais nobres, e á hora que escrevemos terá por certo, pessoalmente, s. ex.ª informado o sr. ministro da guerra, de todo este tremedal onde um militar, o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz, sem a mais leve vacilação, chafurdou a farda de oficial do exercito!

Corre que o mesmo tenente medico, Manuel Pereira da Cruz, requerera uma sindicancia.

Quer dizer: o *patriota* foi de encontro ao que antecipadamente sabia que tinha de submeter-se e ainda porque lhe déram tempo e vagar para isso.

E' o ultimo gésto que poude proveitosamente ser feito por aquêle individuo. E fel-o.

De resto—nós, como êle—sabêmos que o melhor está para vir!

Poderiamos facilmente relatar, designando aqui, um numero mais que suficiente de casos passados e absolutamente verdadeiros, assim como a lista das *vitimas*, comprovativa em demasía dos boatos que eram cronicos no conceito público e que acabam de ser completa e formalmente confirmados com as ocorrencias havidas na junta militar, em Ilhavo, que tão digna e briosamente soltou o grito de alarme contra essa torpêsa, praticada por os que, sem sombra de pundonor, aderiram á Republica com tão vivo entusiasmo, para melhor poderem continuar a sua obra infame, iniciada e protegida dentro da monarquia!

Mas descrever os casos passados, em toda a sua minucia, seria

nêste momento absolutamente inoportuno e não menos prejudicial.

Virá a sindicancia e a éla nos temos de apresentar, não só para referir e corroborar com o nosso testemunho os criminosos factos, causa principal da ocorrencia, mas muitos outros, que são valiosos subsidios,por de mais comprovativos de que não póde oferecer duvidas a *chantage* de aquêles á roda dos quaes se ergue este clamor público, pedindo a justiça bastante que chegue para a punição indispensavel do acto que se pretende castigar,como medida de saneamento e exemplo demonstrativo de que a Republica não deixa ficar impunes crimes désta natureza, praticados nas mais agravantes e deprimentes circumstancias!

Estâmos convencidos que quantos nos lêem nos fezem a inteira justiça de acreditar que o que vimos referindo não é invenção nossa, mas sim da exclusiva iniciativa e responsabilidade do seu autor, descoberto e trazido para o dominio público por aqnêles que digna e briosamente repeliram a possibilidade de que poderiam ser tomádos á conta de coniventes em tão escuro e porco negocio.

A minuciosa historia dos factos hade fazer-se. Pela nossa parte para aqui trasladaremos tudo quanto de edificante se fôr conhecendo de fórma que a opinião pública possa desanuviadamente formar o seu juizo e inteirar-se das *escroqueries* do medico Pereira da Cruz e por ventura dos seus cumplices, muitos dos quaes já deveriam ter dado tambem contas á justiça de crimes identicos, e outros, que se perdem na sombra do cenario onde têm sido cometidos.

Esperêmos.

O principal protogonista da tragedia, especialmente pela sua categoría social, o medico Manuel Pereira da Cruz, está prestes a entrar na ante-câmara, onde, depois de interrogado, deverá ter ingresso no salão dos conselhos de guerra para ouvir a ultima palavra sobre o assunto.

Bem sabêmos que se movem empenhos para abafar este escandalo. Que o sr. Pereira da Cruz trata de se agarrar a todas as táboas de salvação, como o naufrago que, no meio do mar, se vê perdido.

De nada isso lhe valerá, é nossa convicção. O sr. Pereira da Cruz cometeu um crime; o sr. Pereira da Cruz abusou da farda que veste para negociar o livramento de mancebos do serviço militar, como claramente o disséram alguns inspeccionados em Ilhavo, que tinham contratado com esse medico tão pouco escrupuloso a sua isenção das fileiras do exercito. Déve ser julgado. Déve ser condenado. De contrario teriâmos de acreditar que vivêmos num país pôdre, num país que se não salva por completa ausencia de caracter. Mas não, não sucederá assim. O descalabro, a vergonha, o ultrage cairía intacto sobre os proprios que pretendessem defender o autor da *chantage*, livrando-o de prestar contas á justiça.

Sr. ministro da guerra, sr. ministro do interior, srs. governadores militar e civil: é preciso dignificar a Republica, mostrando ao país que se não protégem nem encobrem criminosos, seja qual fôr a sua categoría!

Para honra da Republica, para honra do exercito e da classe medica, chame-se quanto antes o sr. Pereira da Cruz á responsabilidade dos seus actos imoraes, que é isso o que reclâma a opinião pública verdadeiramente interessada em vêr o *desideratum* désta vergonhosa traficancia, reflexo das muitas que noutros tempos aí eram feitas com os melhores resultados pecuniarios para os seus autores, além do compromisso do voto a que o mancebo era obrigado e a familia.

Pelo que nos diz respeito, já sabem, havemos de ir até ao fim.

Passeio fluvial

Anuncia-se para o proximo dia 25 um passeio pela ria até á praia da Torreira, promovido pela *Sociedade Recreio Artistico*, com escála por S. Jacinto, tendo sido já expostos á venda os bilhetes em alguns estabelecimentos da cidade ao preço de 350 reis ida e volta.

O trajecto está destinado ser numa das grandes lanchas a vapor que fazem a travessia entre a Bestida e aquéla praia tanto da predilecção dos visinhos estarregenses a quem decérto não hade deixar de interessar a visita dos nossos conterraneos que se nscreverem.

O DEMOCRATA

Vende-se agora no **Kiosque Pereira,** junto ao mercado do Côjo.

Coisas & tal

Pelo Porto

As comissões republicanas da invicta cidade, em reunião conjunta, ha dias efectuada, deliberáram oficiar ao Directorio para este interceder junto do sr. ministro do interior no sentido de ser de novo colocádo á frente do distrito do Porto o cidadão dr. Rodrigo Rodrigues, produzindo esta decisão um justificádo alvoroço entre os nossos correligionarios.

Compreende-se. E' que o dr. Rodrigo Rodrigues servía com tanto ardor e lealdade a Republica, que—deixem-nos ter este desabafo, livre de lisonjas—o que o govêrno devia fazer era reconduzil-o como chefe do distrito de Aveiro, mil vezes mais necessitado de homens da sua tempera, do que o Porto.

Isso é que era...

Tomateiros

Estão verdejantes e prometedores os que, nas *hortasinhas* disseminadas pelas janelas do tribunal, principiáram já a abrir a flôr. Se toda éla vinga, a colheita deve ser abundante, pois além da grande quantidade ha a atender á qualidade, que é explendida e muito grauda: bélos tomates!

Até é caso para dar os parabens ao hortelão pela beleza da horta e da hortaliça...

Um martir

Aquêle delicioso e *grandecissimo martir* que escrevia as famosas cartas para a *Soberania*, engrandecendo os seus actos de *desagrado* feitos ao chefe da nação, por êle e outros, quando da visita ao Limoeiro e que punha na bôca do sr. ministro da justiça frases que qualquer galêgo tería pejo em pronuncial-as, suspendeu a remessa das impagaveis cronicas, que, ápart e o alcance politico, eram verdadeiras e fulgurantes peças de literatura...

Unica comparavel com a de Fernãosinho naquéla incomparavel obra—*a vida debaixo da terra ou a vida da minhoca em geral*—que imortalisou o seu autor levando-o á posteridade como calino!...

Fazemos votos para que o *martir* continue martirisado a fazer as suas cartas martirisadas...

Mas que martirio!...

Carne fresca

Aquéla remessa de carninha fresca que daqui, ha tempos, fôra expedida á consignação *del gran capitan* Homem Cristo, na pessoa duma *conspiradora* sopeiral, que lhe dispensava todos *los serviços*, voltou á procedencia porque não a deixaram seguir o seu Ashevero —*hasta la Cuenca!*

Pobrecita!

Já por aí a ouvimos cantar:

Ai balancé, balancé,
balancé da neve... dura

Porque de... pura... temos conversado...

Misérias

A proposito das *escroqueries* do medico Pereira da Cruz, escreve o nosso coléga local *A Portuguêsa* no seu primeiro numero:

Lastimâmos que, ao iniciarmos a publicação do nosso jornal tenhâmos de abordar um caso de patologia social, que, pela gravidade que reveste, tem de ser completamente esclarecido, a bem da moralidade e do prestigio da Republica nêste distrito.

São feitas acusações gràves a um funcionario público e oficial medico da reserva, relativas a actos que se prendem com a inspecção dos mancebos no concelho de Ilhavo.

Consta-nos que essas acusações são já do conhecimento das estações oficiaes, por intermedio dos ilustres oficiaes medicos que fazem parte da junta de inspecção naquele concelho, e urge que uma rigorosa sindicancia faça completa luz sobre o caso, pois que actos dessa natureza desprestigiam uma das leis que mais nobilita a Republica, e esta precisa defender-se de todos os que a afrontam, pela aplicação de rigoroso castigo que deve atingir não só os que contra éla declaradamente tramam, mas tambem os que a desprestigiam no conceito público, fazendo supôr que poderão continuar impunes as traficancias de outras éras.

Devemos esclarecer que, em actos de moralidade pública, nos são indiferentes a politica e as amisades pessoaes e que se tratâmos deste caso é porque êle não tem um caracter particular mas porque envolve a honra da Republica.

Assim déve ser, realmente. Oxalá *A Portuguêsa* nunca esqueça o seu programa.

O traidor

Eis como o nosso coléga *A Patria*, de Lisboa, definiu o caracter do chefe da quadrilha que se propôz restabelecer a monarquia dos *adiantamentos* em Portugal:

«Vencido na Rotunda, porventura esse monarquico intransigente arrebanhou a meia duzia de homens que tinha a seu lado e os levou e seguiu com êles e com os canhões que lhe restavam por essas estradas, para fóra da cidade que expulsára os Braganças, a esperar, numa aventura que tinha grandeza, a morte ou a vitória?

Não. Esse Bayard de pacotilha, recolheu de orelha murcha ao quartel, submeteu-se á força das circumstancias, *pegou pé,* como um qualquer *adesivo* precipitado, mentiu ao ministro da Guerra, mentiu a João de Menezes, afivelou durante semanas e mezes a mascara da hipocrisia antes de se resolver a ir para a Hespanha fazer a porcaria que tem feito.

Ainda dias antes da partida declarava que saía do país como um cidadão pacifico, que ía para o estrangeiro empregar-se, ganhar a vida, sem hostilisar a Republica.

Depois, em Hespanha, não hesita o português *lealissimo,* o espelho de lealdade, em crear ao seu país uma situação desprimorosa com o govêrno duma nação visinha.

Aceita a cumplicidade de estrangeiros, as espingardas estrangeiras, os canhões espanhoes.

E' com essas armas que o *lealissimo* tratante invade a sua patria.

Para quê? Para morrer?

Não, para fugir!

Uma vez, duas vezes—voltando ao coito a fazer-nos negaças. A sua horda mata á traição gente inofensiva, despeja metralha sobre um hospital, rouba, prepara o incendio de Valença com gazolina que traz para esse efeito, e o *heroi* não fica, não se suicida, volta as costas e safa-se!

Condottiere vulgarissimo,menos valente que o Remexido da tradição miguelina, doido mau, fanatisado pelas saias da familia, é esse de quem nos apregoam a alma cavalheiresca e nobre, espelho e flôr de heroismo e de *cavalarias*.

Mas, como será feita a mentalidade de cérta gente, para que se tragam tais insanias a publico e não haja pudor de as publicar em letra redonda?»

Ora, como será feita!... De escremento, que é a matéria predominante na cachimonia de todo o fiel patife.

Como tudo léva a crêr, nós devemos ser dos primeiros a depôr na sindicancia aos actos do tenente medico Pereira da Cruz. Se assim fôr desde já garantimos que têmos para fornecer aos encarregados déssa taréfa, preciosos elementos por onde talvez se apure que em Aveiro existem mais "chanteurs,, além do que agora foi apanhado pela junta medica do concelho de Ilhavo.

Ouçam-nos, portanto; ouçam-nos em primeiro logar.

Pela imprensa

Começou a publicar-se em Aveiro um novo jornal republicano independente que tem por director o tenente Costa Cabral, redactor principal o dr. Joaquim de Mélo Freitas, secretário da redacção o alferes Gaspar Ferreira e administrador João Coelho, todos nossos amigos e correligionarios, que, com a sua iniciativa, pretendem ser uteis ás novas instituições contribuindo para a sua consolidação e aprefeiçoamento.

A Portuguêsa, como se chama o moderno combatente, apresenta-se bem redigida. Saudamo-la desejando-lhe um ridente porvir *sobre a terra*, que é onde a sua acção se déve fazer sentir se tivér alma para *levantar hoje de novo o explendor de Portugal.*

= **A Aguia** é aquéla revista mensal de literatura, arte, ciencia, filosofia e crítica social, propriedade de *A Renascença Portuguêsa* e a que aqui nos têmos referido por varias vezes em atenção aos seus primorosos escritos, todos firmados por conhecidos literatos do país e estrangeiro.

O n.º 8, que agora saiu, compõe-se do seguinte somário:

LITERATURA — Aguas religiosas —*Leonardo Coimbra.* Canção das andorinhas — quadras de *Carlos de Oliveira.* A Tentação: O Puro, O Lascivo — versos de *Antonio Nobre.* Mulheres de Camilo—*Antero de Figueiredo.* Maria Peregrina — sonêto de *Mario Beirão.* O Valor da Vida—*Augusto Casimiro.* Magua Religiosa — sonêto de *Augusto Santa Rita.* Lua-Nova — sonêto de *Afonso Duarte.* Sempre Môça, Minha Vontade—sonêtos de *A. Rocha Peixoto.* A Educação dos Povos Peninsulares — *Ribera y Rovira.* Soneto—*Afonso Mota Guedes.* Elegia de Alma—quadras de *Antonio Cabeira.* ARTE—Arvores de Portugal, Tronco de Castanheiro (Ilustr.) *Cervantes de Haro.* Estudos de creanças (Ilustr.)—*Antonio Carneiro.* Arvores de Portugal, Pé de carvalho (Ilustr.)—*Cervantes de Haro.* Vinhêtas de *Cervantes de Haro.* Capa de *Correia Dias.* SCIENCIA, FILOSOFIA E CRITICA SOCIAL.—Fotografia Selectior—*Gonçalo Sampaio.* O Ensino Secundário da Matemática — *Augusto Martins.* SECÇÃO BRASILEIRA—Os Covas—*Costa Macedo.* Arco-Iris— versos de *Pinto da Rocha.*—BIBLIOGRAFIA.

= Suspendeu temporariamente a sua publicação o nosso coléga lisbonense *A Patria*, que, em principios de setembro, aparecerá com importantes melhoramentos materiaes.

= Pelo seu aniversário filicitâmos o nosso coléga *A Folha de Trancoso*, que ha 22 anos se publíca na localidade donde tirou o nome e é orgão republicano ali.

Temôres

Anda muita gente receiosa que o resultado da campanha de moralidade levantáda no *Democrata* e em que está envolvido o nome do tenente de reserva Manuel Pereira da Cruz, tambem delegado de saude, medico do hospital, do Monte Pio e porventura doutras associações, não seja coroada de bom exito atenta a protecção de que aquêle medico dispõe nas altas regiões do Estado onde tem parentes bem colocádos e amigos que o desejam talvez servir.

Não se aflijam os timorátos. O medico Pereira da Cruz tem isso tudo, é uma verdade; mas do nosso lado está a razão, estão as provas do que afirmâmos e essas não se inutilisam facilmente porque ainda têm a autentical-as o testemunho de gente que se não vende.

CARTA

...*Sr. A. Ribeiro*

Relativamente ao termo—pouco escrupuloso—*com que* A Liberdade *entendeu distinguir-me num suelto do ultimo numero a proposito de um telegrama que, traduzindo fielmente o sentir da opinião pública, eu expedi désta cidade para o diario da capital* O Mundo, *permitame v. que eu venha demonstrar que tal classificação com que me mimoseou o redactor do referido jornal, é, além de imerecida, inconveniente e grosseira.*

No n.º 4275 de sexta-feira 2 do corrente, na 1.ª pag. 2.ª col., secção Ecos e noticias, *sob a epigrafe*—Conselho de ministros, *diz o diário lisbonense* O Mundo, *o seguinte:*

Reuniu ontem á noute o conselho de ministros, tratando de varios assuntos de expediente e, entre estes, ao que ouvimos, da escolha de governadores civis para o Porto, Leiria, Aveiro e Faro.

Como bem calcula v., sr. redactor, esta noticia surpreendeu quantos déla tivéram conhecimento e atendendo á verdade da informação de aquêle diario, admitindo além disso a hipotese de que por qualquer motivo ainda para o público desconhecido, s. ex.ª o sr. governador civil pedisse a sua exoneração, apresentaram-se logo diversas conjecturas, bordando, cada um conforme a sua fantasia, quem seria o substituto de s. ex.ª o sr. governador civil.

Aventou-se o nome de varios individuos e a possibilidade até da nomeação do sr. Rui da Cunha Costa e eis porque nésta conjuntura expedimos o seguinte telegrama:

Aguarda-se com anciedade a nomeação do novo governador civil.

Póde v. com verdade indicarme e a quem nos lê onde estará, além do mal que essas palavras possam trazer á politica *como tambem diz* A Liberdade, *o* menos escrupulo *que élas significa ou traduzem?*

Feita esta justificação, que reputo indispensavel para o conhecimento público, fica este avaliando com absoluta verdade, a razão que assiste á Liberdade *para me classificar intempestiva e grosseiramente* de pouco escrupuloso *e o valor e alcance de mais este serviço que os redactores do periodico, numa aliás louvavel intenção, supõem prestar ao sr. governador civil e á politica local.*

Todavia, não aquilate A Liberdade *por a delicadeza e brandura désta resposta, apezar da razão de queixa que me assiste, que a possa de novo receber, em igualdade de circunstancias.*

Posto isto, resta-me suplicar e agradecer a v. a publicação déstas linhas, o que faz com muito reconhecimento

Aveiro, 10 de agosto de 1912.

O correspondente do "Mundo,,

Subscrição

aberta pelo *Democrata* para a compra duma bandeira que, por iniciativa do *Grupo Defeza da Republica de Aveiro*, deve ser ofertáda ao regimento de infanteria 24 aquarteládo nésta cidade:

Transporte.........	*425$600*
Jeremias Vicente Ferreira	*500*
Soma...........	*435$100*

Não e não

A nossa atitude definida uma vez, está definida. E não são pedidos, e não são empenhos de conhecidos, amigos ou parentes que nos demovem a abandonar o campo quando entendêmos que a verdaade se déve dizer, se déve proclamar embora com éla nem todos lucrem e alguns até mesmo se sintam feridos ou melindrados. Que nem todas as verdades se dizem?!... Porquê? Porque se não hade dizer que esta terra não é de nenhum feudo, não pertence a uma casta ou a uma familia? Porque se não hade dizer aos que pretendem explorar com os nomes de Mendonça Barreto e Barbosa de Magalhães que *o* partido republicano de Aveiro, a opinião pública não sanciona as deliberações da Comissão Administrativa Municipal relativas a nomes de ruas e lapides com que os pretendem consagrar? Por ventura será um crime isso? Será um crime dizer que Mendonça Barreto, esse infeliz que os realistas de Cabeceiras de Basto assassinaram, não possuia uma vida que seja de molde a servir de exemplo ás gerações futuras e que a sua morte se déve ainda, em parte, á sua pessima orientação politica? Não explorem, senhores, não explorem mais com o nome de Mendonça Barreto! Deixem-no em paz. Não têmos gôsto nenhum de falar em mortos, isto é, de discutir se êles teem ou não direito de passarem á posteridade cingidos com a aureola de gloria que a paixão muitas vezes coloca indevidamente.

Não têmos gôsto, nem desejâmos. Calem-se, pois. E emquanto aos nomes dos tres membros da familia Magalhães com que se pretendem bátisar outras tantas ruas, pense tambem a Comissão Municipal no que vai fazer. O Directorio do Partido Republicano logo após a implantação do novo regimen deliberou, e muito bem, que se não déssem ás ruas ou praças do país nomes de cidadãos ainda vivos. Esta deliberação por todos nós, republicanos, foi aceite e sancionada com aplauso porque era a melhor maneira de impedir adulações, de obstar que se cometessem abusos e outras faltas que só seriam para lamentar quando inspiradas no favoritismo mutuo préviamente combinado.

Reflita, portanto, quem quizér reflétir. E como não sômos de hipocrisias, o que tivérmos a dizer mais para aqui virá com a franquêsa propria de quem se não arreceia de ser excomungado pelos interessados na funçanáta das consagrações em projecto.

A Oliveira de Azemeis

Está definitivamente resolvida para domingo a excursão de Aveiro, pela linha ferrea do Vale do Vonga, aquéla encantadora vila onde os seus habitantes prepáram lusida recéção aos que néla tomam parte e outros atrativos que, sem duvida, muito hão-de concorrer para o bom exito do primeiro passeio promovido pelo *Grupo Excursionista Talabricense.*

Com os excursionistas vai tambem o corpo de Bombeiros Voluntarios désta cidade, que aproveita a ocasião de visitar os Voluntarios de Azemeis e com êles confraternisar, estreitando assim os laços de camaradagem que de futuro unirá as duas associações tão dignas quanto prestimosas e humanitárias.

No pitoresco parque de La-Saléte efectuar-se-ha um *pic-nic* com a assistencia de duas bandas de musica, constando-nos haver o maximo entusiasmo por parte dos oliveirenses em proporcionar aos seus visitantes de domingo um dia de agradavel prazer e alegria mutua.

O que iria fazer á Gafanha, fardado de tenente da reserva, o medico Pereira da Cruz? Têve lá serviço oficial ou foi exclusivamente para se mostrar ao mancebo com quem fez o contrato de livramento por 30$000 rs.? Tambem se déve apurar.

Bartolomeu Severino

Foi nomeado escrivão do registo criminal do Porto, este nosso coléga e amigo, redactor principal de *A Montanha.*

E' Bartolomeu Severino um rapaz inteligente e cheio de serviços ao partido republicano, que decérte saberá honrar o cargo para que foi escolhido pelo sr. ministro da justiça, tão digno dêle quão sincéra tem sido a sua dedicação pela Republica.

Receba Bartolomeu Severiano os nossos sincéros parabens.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

Concurso de tiro

Pelo nosso amigo capitão Ferreira Viegas estão sendo envidados esforços para que no proximo outôno tenha logar, na carreira da Gafanha, um concurso de tiro onde serão disputados valiosos premios generosamente oferecidos por entidades tanto civis como militares.

A ir por deante a ideia do capitão Viegas, que é um grande entusiasta por este genero de *sport*, por tantos titulos util e acessivel a todos os cidadãos, é de crêr que tenhâmos tambem grandiosas festas no dia designado para a realisação do concurso, o que, presumimos maior brilhantismo lhe hade imprimir.

Que o capitão Viegas não desanime na sua louvavel iniciativa, são os nosses votos e sem duvida os de aquêles que, como nós, desejam vêr estabelecido em Portugal o gosto pela instrução militar a que ánda ligado o exercicio de tiro como base principal dum bom soldado.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

PRÓ-AVEIRO

Necessidades locaes

O QUE URGE FAZER QUANTO ANTES

Inspirados na mesma razão que nos levou, no numero anterior dêste jornal, a dizer quanto sentimos sobre a falta mais que sensivel—condenavel—dum hotel á altura désta terra e dos que a procuram com olhos de vêr, continuâmos a consignar aqui quanto sobre o assunto, desautorisada, mas sinceramente, entendêmos e julgâmos.

Que é absolutamente indispensavel é necessario uma casa em termos, onde, sem a falta da mais elementar comodidade, um visitante se possa hospedar, está no animo de todos.

Que a compléta indiferença por esse melhoramento é a unica causa que impéde a sua realisação, tambem supômos, com verdadeira consciencia, que não nos enganâmos e comnosco pensam tantos quantos aspiram pelo progresso désta cidade.

Para justificar quanto afirmâmos bastará lembrar a construção do novo hospital que se deve á bôa vontade do pequeno numero dos que tomaram devotadamente esse honroso encargo e ainda á fórma como ha bem pouco a cidade inteira, e muitos dos inscritos, animados apenas pelo desejo da realisação dêsse melhoramento, embora de facto nada directamente com êle lucrassem, subscreveu para atingir o numero indispensavel que garantisse o pedido para a montagem duma rêde telefonica.

Estâmos na convicção absoluta que se de alguem partir a valer um brado a favor dum novo hotel que reputâmos do mais alto interesse vital para esta terra, êle será aplaudido e aceite sem restrições, pois representando um dos mais altos beneficios para todo o progresso local, ninguem, por certo, recusará o seu concurso á realisação de tão grande melhoramento.

Ha pouco a Caixa Economica de Aveiro emprestou seis contos de reis sem juros, reembolsados no praso de vinte anos, para a conclusão das obras do novo hospital.

Como fundo de garantia a mesma Caixa Economica consérva atualmente no seu cofre a bonita soma de mais de cincoenta contos, todos os anos reforçada com cêrca de tres, e désta importancia bem facilmente se podia conseguir o capital indispensavel para a construção dum edificio, correspondendo ás exigencias modernas e não nos envergonhando aos olhos de quem nos visite, evitando-se confrontos que são para nós um desastre.

Da propria Caixa, atendendo ao fim para que tal importancia era destinada, obtelaiamos nas condições mais vantajosas, a largo praso, e de fórma a que o desenvolvimento déssa medida, representada na obtensão de tal melhoramento, podésse saldar esse débito, que, sem a absorção dos seus proprios capitaes, limitasse as suas responsabilidades áquêles que as tomassem, impulsionados pela nobreza dos seus patrios sentimentos e pelo reconhecimento indispensavel da sua necessidade.

Todos os dias deparâmos na imprensa com noticias que nos dizem quanto interesse, não só restrictamente populares, mas ainda nas colectividades dirigentes, se manifesta no impulso de melhoramentos progressivos que todos pretendem imprimir ás terras que lhes serviram de berço.

Assim, Lagos, está lançando os alicerces para a construção dum hotel magnifico e confortavel que possa receber, sem dificuldade, os visitantes que as belezas da sua baía e dos seus arredores ali levem.

Na Senhora do Monte, um encantador logar que fica na encosta duma das montanhas que circundam a cidade do Funchal, na ilha da Madeira, apezar dos tres ou quatro hoteis explendidos que já lá existiam, acaba de edificar-se um--o *Mont's Palace*--que na sua construção, parque, jardim, jogos de agua, montanhas russas, etc., se dispenderam mais de cem contos. E ainda que a superioridade sobre os outros provenha apenas da sua sumptuosidade e grandeza, é no entanto o preferido e tão preferido que o seu proprietario construiu no *Terreiro da Luta*, uma explanada que no mais alto da montanha fica, um magnifico *restaurant*, que faz inveja aos mais bem montados, onde os seus hospedes, em soberbos automoveis lá vão—só para dum ponto mais alto observarem o mesmo surpreendente e inebriante panorâma, embora já visto, mas de fórma a proporcionar que, no *terminus* dêsse passeio, de novo abram as suas bolsas para pagamento dos seus novos apetites e prazeres.

Aveiro tem logares e espaço onde se possa, á vontade, escolher o mais apropriado para a edificação necessaria, da qual o primeiro beneficio sería o emprego de centenas de braços por largo tempo.

Os outros, aquêles que não representam só o proprio proveito para a empreza, mas que se dividiriam proficua e proporcionalmente nas varias industrias locaes, esses viriam mais tarde e muito mais proveitosos do que se pensa e do que muitos julgam.

Mas preciso é algum outro melhoramento a valorisar o que acabâmos de referir?

Sem duvida. Esse sería uma avenida que trouxésse ao centro da cidade o seu visitante, poupando-lhe a triste e misera exibição dumas fileiras de pobres casebres que põem no espirito dos que os contemplam uma nota intensamente desagradavel e não menos tristemente impressionadôra, agravada ainda hoje com o consentimento e aprovação pela câmara das construções mais mesquinhas e inaceitaveis.

A um simbolico patéta, que em tempos presidiu á vereação como vivo testemunho de quanto poude a tolice dos que para lá o indicaram e levaram, déve Aveiro, a esta hora, não ter em via de construção a avenida, peior ou melhor, que, autorisada já pela Republica, com os respectivos fundos depositados nésta cidade, estêve prestes a iniciar-se e que a intervenção do pobre maniaco, que a *caveira* désta terra, por desgraça sua, colocou á frente dos seus municipes tão irrefletida e imbecilmente evitou!

Porque, como se vê, nem a que esteve prestes a começar-se nem a outra que serviu para argumento de morte para aquéla. Quem, de facto, prejudicada ficou por largos anos, foi a cidade, que mais uma vez viu afundar-se uma das suas mais justificadas esperanças, uma das suas maiores necessidades.

Este resultado é que não acudiu á mente dos doutos dirigentes; ou, se acudiu, calaram-se para que o seu triunfo fôsse completo e a sua vingança e doutros, velhaca e disfarçadamente satisfeita!

Aqui se tem passado e vão passando assim as cousas.

A Figueira da Fóz, bem ao inverso désta condenavel orientação, engrandeceu e desenvolveu-se dotando-se com notaveis melhoramentos que a fizéram uma das primeiras terras do país.

Os seus homens politicos, representantes de diversas facções entenderam justificadamente que não sería, aniquilando os esforços dos contrarios que significassem um bem para a terra, que se engrandeceriam, mas antes iniciando outros de maior vulto e mais merecedores da gratidão pública.

Por isso a Figueira atingiu o desenvolvimento e grandeza que hoje possue.

Aqui é quanto se vê—isto é, o mesmo que se via ha meio seculo—sendo cérto, porém, que Aveiro se proporciona para ser uma das mais bélas cidades, pela sua disposição, pela suavidade da sua topografia, pelo encanto dos seus campos, proximidade do mar, posse de extrema beleza cenografica da ria e estrada até á Barra, Costa Nova e encantadoras ramificações fluviaes, que nos levam até á Torreira e mais ain a para o norte e para o sul até á Vagueira, etc.

Não nos argumentem com a escassez no movimento de visitantes. Essa escassez ha-de continuar emquanto este estado de cousas durar, emquanto á sombra da devida propaganda não conste lá fóra que, quem aqui vier, encontra as comodidades a que tem direito porque as quer e as paga.

Para uns, porém, na ingenuidade dos que aqui passam a vida inteira, contentam-se, apesar das suas fortunas, a viver com pouco, com muito pouco mesmo; o outros, que fortuitas circumstancias da sua existencia os fizeram passar pelos grandes centros, essas babilonicas cidades, como gato por brazas, e que apezar de conhecerem até onde chega já o progresso em quasi todos os ramos de industria e de exploração, cingidos aos seus sentimentos de avareza e duma egoista acomodação pessoal, medem pelos seus os sentimentos dos outros, supem que todos regúlam e pondéram a vida como êles!

Sob a influencia dêstes criterios errados julgam que muitos assim tambem pensam e que, como êles, com tudo se contentam. Não; porque ha e sempre haverá quem se não tenha por escravo do dinheiro, sem outro objectivo que não seja deixal-o aos que cá ficam, quando se impozer a derradeira jornada, que termina com a cerimonia de ser depositado no fundo dum coval o cadaver frio do grande economista que viveu para amontoar e dêsse montão nada aproveitou.

Ha quem pense de modo diametralmente oposto.

Resumindo: não meçâmos por nós os sentimentos e a orientação dos outros.

Este errado modo de vêr, tem muitas vezes aniquilado, evitando os mais bélos e progressivos impulsos dum menor numero, iniciativas de largo e rendoso futuro.

Por o que vimos pugnando, porém, não será preciso ser vidente para que desde já se antevejam os beneficios e engrandecimento que adviriam para todas as classes e para o comercio local.

Corroborando da maneira mais eloquente quanto vimos dizendo, em provas reaes, palpaveis e visiveis, bastará que se chegue a epoca em que, entre nós, tenha de realisar-se o Congresso Republicano, ao qual acudirão talvez mais de mil pessoas, que, por cérto experimentam, sem excéção, no decorrer da sua existencia e nas suas residencias, comodidades e bem estar, conhecendo sem duvida, outras, no mais elevado grau.

Essas mil pessoas aqui estarão tres dias, e nêsse praso é que a falta sensivel e desgraçada dum bom hotel se fará sentir para os nossos hospedes a para os que se acham identificados no desejo do engrandecimento da sua terra.

Serão mil bôcas, lá fóra, a lastimar o facto.

Mas se sucedesse o contrario seriam, com certeza, mil bôcas propagandistas a engrandecer o caso, na frase reunida: béla terra, lindas mulheres, magnificas acomodações num esplendido hotel onde nos recolhêmos, áparte o carinho da recéção e lhaneza do trato!

Pela cérta...

Pelo tenente medico Evaristo Duarte Geral, membro da junta de inspecção militar no concelho de Ilhavo, foi-nos mostrada deante dos colégas Armando Macêdo e capelão Jaime José Ferreira, uma declaração escrita feita por individuos da Gafanha onde expressamente estáva exarado o contrato do seu livramento do serviço militar com o medico Pereira da Cruz.

Perguntâmos: a quem faria êste o pedido de isenção que lhe désse direito á gorgêta? Aos membros da junta não, que esses não se vendiam. Então a quem? Ao Pápa? Ao prior da freguezia? Ao cura?

Só o sr. Pereira da Cruz é que sabe...

Os "santos inocentes,, ...

O nosso presado coléga *O Mundo*, acompanhado já por diversos outros camaradas da imprensa, aos quaes efusivamente nos juntâmos, comenta a cumplicidade de diversos magistrados no julgamento de confessos conspiradores, como todos nós aqui sabêmos, visto o exemplo do que cá por casa se passou.

A maior parte dos reus absolvidos vergonhosamente nesses julgamentos realisados nos tribunaes comuns, acompanhavam Couceiro na sua investida a Chaves!!!

Isto demonstra apenas que os magistrados realisaram uma conscienciosa obra de ataque ás instituições, preparando e concedendo a liberdade aos reconhecidos inimigos da Patria para que êles de novo se integrassem na sua acção de combate contra o existente. Não deve ser.

Uma revisão, feita a todos os processos, é absolutamente indispensavel como a unica fórma de pedir contas á magna caterva impune, que, como nós por aqui vimos, liberta vergonhosamente da primeira, da segunda partilharam com o maior civismo.

Por isso aplaudimos o acto de reparo á justiça que diversos colégas pédem e que *O Mundo* justifica nas seguintes palavras:

> Ora nós perguntâmos se existindo, como realmente existiram, esses crimes de justiça, podem julgamentos assim catalogados continuar gozando de uma legalidade que não possuem, de uma alforria juridica que lhes não pertence? Evidentemente que não pódem. Pois se não pódem, entendemos que se deve proceder a uma revisão imparcial e conscienciosa desses processos, não só por homenagem á justiça e ás leis, que fôram esfarrapadas, mas tambem por um indispensavel sentimento de vergonha, que não só se deve exigir individualmente a cada cidadão, mas ainda com mais fortes razões á colectividade, ao agregado ou organismo que constitue o estado social e politico, seja este qual fôr. Venham, pois, a revisão desses processos.

Venha, venha em nome da lei ofendida!

Nós e o Brazil

A grande Republica Brazileira num alto gésto conciliador e evidentemente domonstrativo da profunda e viva simpatia e estima que pela nação-mãe ainda nutre, interveiu na questão pendente entre nós e a Hespanha, a proposito da expulsão deste país de todos os conspiradores, conforme as insistencias do govêrno português, oferecendo-se para trasladar por sua conta e para o seu territorio os realistas residentes no visinho reino provendo além disso á sua sustentação até que encontrem modo de vida que os ponha a coberto de necessidades.

Obedecendo apenas esta generosa e amigavel intervenção não a intentos politicos, mas ao desejo, animado por afinidades de raça e estima pelas duas nações, de que estas afastem a causa que além de perturbar as suas relações de amizade, pode ser—quem sabe?—o motivo de mais sérias e gráves complicações, parece que a Hespanha, em completa desarmonia com os argumentos por éla mesmo apresentados, hesita em aceitar a conciliadôra proposta do Brazil.

Senão vejâmos: exigindo o govêrno do nosso país que do territorio hespanhol sáiam os conspiradores monarquicos cuja presença ali representa uma permanente ameaça para a Republica, o govêrno hespanhol replíca que os realistas que se conservam no seu territorio são mais que pobres e que sería uma desumanidade pol-os fóra da fronteira sem destino e sem recursos, queixando-se ainda que penoso lhe é o dispendio que com êles está fazendo.

Não vimos, pois, que sob qualquer ponto de vista possa ser tomado á conta de deprimente para os brios de qualquer das duas nações—nós e a Hespanha—a generosa intervenção do Brazil, a não ser que se não deixe querer fugir o protexto para que, embaraçando a *démarche* das negociações que tem como base quanto o govêrno português reclamar, se pretenda levar o assunto até á solução noutro campo, o que sería horrivel.

O passado, nésta triste conjuntura, deve-nos servir de ilucidativa orientação não só para o momento presente como para o futuro. Porque, francamente: aceite a proposta do Brazil só resultaría proveito para todos.

Assim ficariam satisfeitas as nossas reclamações, atendidos os argumentos do govêrno hespanhol e servidos, bem melhor que merecem a Deus, os que, esquecendo os seus deveres para com a Patria, serão conduzidos onde lhes não falta o pão até que pelo seu trabalho o adquiram.

Que melhor solução, portanto, póde ter todo este incidente?

* * *

Com o intuito de patentear á Republica Brazileira o reconhecimento dos portuguêses pela sua nobre atitude na questão sussitada com a Hespanha sobre o internáto dos couceiristas, uma comissão de aveirenses tomou a iniciativa déssa prova de delicadeza e amizade para com a nação amiga, e assim dirigiu a todos os presidentes das comissões municipaes administrativas do país a seguinte carta circular:

I. Cidadão

Os abaixo assinados, cidadãos aveirenses, constituidos em comissão, teem a honra de se dirigir a V. Ex.ª consultando-o sobre o alvitre que passam a expôr.

E' por cérto, a esta hora, do conhecimento de V. Ex.ª a nobilissima e, para nós, penhorante medieção espontaneamente oferecida pelo Govêrno Brazileiro, no generoso intuito de fazer cessar definitivamente a tão incómoda e importuna quanto dispendiosa situação, afóra vidas que custa, que, ha perto de dois anos, um bando de portuguêses, cégos, degenerados e traidores a esta Patria comum, nos vem criando, encostado a uma censuravel protecção que a nossa visinha Hespanha ou, antes, o govêrno de Canalejas, lhe tem dispensado, com quebra dos mais elementares principios de direito internacional e acobertando-se, para justificar o seu procedimento, com evasivas que seriam ridiculas, se não tivessem consequencias tão desastrosas.

Ora tão cativante procedimento do Govêrno da Republica, nossa irmã, exige de nós todos, por dever de honra e por amor a este torrão de tão deslumbrante historia e de tão glorioso passado, que nos unâmos num gesto nobre de reconhecimento e de imorredoura gratidão para com a grande Republica, na pessoa do seu Chefe Supremo, cumprimentando-o carinhosamente no faustuoso dia 15 de novembro de 1912.

Como realisar o intento?

Esta comissão lembra e se lhe antolha viavel o seguinte alvitre:

Um grande cartão de visita de cumprimentos e de reconhecimento, entregue, pessoalmente, em nome de todos os municipios de Portugal, pelo nosso Ministro Plenipotenciario acreditado junto do Govêrno da Republica Brazileira, no dia 15 do proximo futuro mez de novembro, ao grande cidadão, Hermes da Fonseca, na qualidade de legitimo representante da mesma Republica. O cartão será composto de tantos bilhetes de visita, colados em seguimento uns dos outros, sobre téla apropriada, quantos os municipios (262), tudo encimado pelo retrato daquêle Grande Cidadão, posto no angulo formado pelas duas bandeiras, brazileira e portuguêsa e pela seguinte legenda:

15 de novembo de 1889
15 de novembro de 1912

AO

Grande Cidadão Brazileiro

Os presidentes dos municipios
do continente de Portugal,
por si e por seus municipes,
gostosamente cumprimentam respeitosos e reconhecidos

O grande quadro será condignamente emoldurado, a talha de castanho nacional, de estilo mais em voga em obras désta naturêsa, que a comisssão, auxiliada por conselho de técnicos, adotará; devendo tambem o quadro ser cercado por uma tarja a trez côres: amaréla, verde e vermelha, traçadas sobre a téla, Além de que, assentarão no lado menor e superior da moldura, as armas brazileiras e portuguêsas, interlaçadas e, no inferior, a data de 15—11.º—1912 a caratéres romanos de ouro.

Cada municipio dignar-se-ha recambiar os dois inclusos bilhetes de visita, devidamente preenchidos pelo proprio punho do seu presidente ou de quem suas vezes faça, com os precisos dizeres, aqui figurados, no intuito da simetria geral e graciosidade do quadro; entendendo-se que o duplicado é para o caso muito possivel de alguma inutilisação ao colar o bilhete na téla comum

E finalmente, para maior garantia de verdade, deverá cada bilhete trazer a chancéla ou sêlo do respectivo municipio a tinta apropriada.

O presidente do municipio do concelho de..................... Fulano....

Eis a súmula da parte técnica.

Emquanto á parte económica: custo da muldura e vidro de cristal, condução do quadro até ao Rio de Janeiro, bem como tantas fotografias dêle quantos os municipios (262), para ser oferecida uma a cada, afóra despezas miudas inerentes, calcula esta comissão que será suficiente a quota de 1$500 reis por cada municipio, sem prejuizo de, oportunamente, dar, pela imprensa, contas do capital empregado devidamente documentadas, e sendo os sobejos, se os houver, entregues, no dia 15 de novembro de 1912, a um estabelecimento de beneficencia dos mais simpáticos do país.

A comissão apresenta este alvitre sobre a parte economica, convencida como está, de que todos desejarão concorrer com a sua quota de despêza, para dêste modo todos terem parte egual na realisação da ideia, como é mister: se assim não fôra, perderia éla o alto significado nacional que deve ter.

Confiada nos sentimentos patrioticos da Câmara da presidencia de V. Ex.ª, espera esta comissão que V. Ex.ª se dignará dizer e fazer o que tiver por melhor, até ao dia 31 do corrente mez de agosto, o maximo, ficando o resto do tempo, até fim de outubro, que não será de mais, destinado á execução da obra que deverá, por esses dias, partir de Portugal, a tempo de chegar ás mãos do nosso Ministro Plenipotenciario antes de 15 de novembro, dia da sua entrega ao Chefe Supremo da Republica.

Finalmente mais roga esta comissão que para tudo quanto V. Ex.ª houver por bem dizer e fazer, incluindo a remessa em estampi-

---

A QUEM COMPETIR

Para apuramento duma das deligencias a que a policia procedia, fôram ao Porto o dr. Alvaro Ataide e o bacharel Inocencio Rangel — o *escalête* — preso ha dias, com dois irmãos afim de serem acareados com o pessoal do Hotel Universal, onde se fizéram inscrever com nomes supostos, está claro, para o Ataide fazer, em segredo, o tratamento do seu dente e o *inocente* Inocencio, como de novo principiava a emagrecer, consultar o medico daquéla casa se seria conveniente para o seu tratamento arranjar mais alguns mezes ou talvez anos de penitenciária, visto terem dado tão bom resultado os que lá—pobre *inocente*—passou na primeira *rascada* em que se meteu. Segundo parece aconselharam a repetição da dóse, conselho que o cliente aceitou.

Os misteriosos hospedes pernoitaram nêsse hotel 2 ou 3 noutes, emquanto a *cousa* não desemborrou e portanto pergunta-se: não teriam havido entendimentos junto do seu chefe—Jaime Duarte Silva—que, por *doença da mãe*, tivéra subitamente no mesmo dia em que os outros fôram, de partir para o Porto, deixando por concluir um documento importante que estava a fazer, como era a escritura de partilhas entre os herdeiros do falecido Manuel da Rocha?

A vitória era tão cérta para êles e para todos que o proprio *pulha de Aveiro* avisára a familia que despejasse o antro das Arnélas, *porque breve precisaria dêle para residir*, o que corroborava com a remessa dum casal de gatos, *os quaes queria continuar a ter visto que foram os seus constantes companheiros de exilio!*

O que fazem os famosos *aquistas*, que se eternisam em Vouzela, padre Campos e primo Ricardo, não nos dirão?

Será verdade que de braço dado com os correligionarios do logar, se perdiam em conferencias noturnas na meia laranja da estrada de Fataunços, tendo por companheiro um medico tambem conhecido nésta cidade?

Porque se espera para pedir a devida responsabilidade a estes e ao chefe Jaime Duarte Silva, os unicos da velha *troupe*, que de novo já está onde merece?

NOTAS DA CARTEIRA

Está em Lisboa desde o principio da semana, o sr. Ribeiro de Almeida, governador civil dêste distrito.

= Encontra-se em Aveiro com demora de alguns mezes e em companhia de sua esposa, o sr. José Moreira Freire, um dos mais conceituados negociantes de Loanda.

= De passagem para Alfarelos esteve ante-ontem nésta cidade com sua esposa e filhos, o nosso amigo sr. David Bernardo, chefe da estação do caminho de ferro.

= Vindo de Melgaço, regressou á sua casa de Esmoriz o sr. Manuel José Marques de Sá.

= Vimos esta semana aqui os srs. dr. Marques da Costa, João Afonso Fernandes, dr. Abilio Marques, Manuel Dias dos Santos, Amandio Ribeiro da Rocha, Antonio Dias Pereira Junior, Julio Ferreira Batista, João de Almeida Vidal, Manuel da Cruz Marmelão, etc.

= Com suas familias acham-se veraneando na praia do Farol, os srs. Manuel Marques da Silva, dr. José Maria Soares, tenente Costa Cabral e tenente Antonio Machado.

= Adoeceu na Costa Nova o sr. dr. Francisco de Moura, a quem desejâmos rapido restabelecimento.

= Faz anos no dia 16 a sr.ª D. Carmina dos Santos Teixeira e a 18 o sr. Ventura Simões Aidos, seu marido, pelo que lhes enviâmos antecipados parabens.

= Acha-se entre nós o sr. dr. Adriano Brandão de Vasconcélos, medico em Sobral de Mont'Agraço.

A Gafanha, afiançam-nos, tem sido um vasto campo de exploração dos recrutas. Todos os anos livra gente nas inspecções por dinheiro, e de dinheiro se teem enchido muitos que, como o medico Pereira da Cruz, não teem escrupulos de o arranjar por esses processos.

Não poderá o sr. ministro da guerra ordenar um inquerito para conhecer os que tão ignobilmente comprométem as juntas de inspecção?

lhas da quota indicada, se dirija ao signatario desta, Bernardo de Sousa Torres, o qual tambem serve de tesoureiro.

Com toda a consideração

De V. Ex.ª

att.os e veneradores

Aveiro, 15 de agosto de 1912.

A comissão promotora da homenagem,

Alberto Souto, jornalista e deputado ao Congresso.
André Reis, advogado e notario.
Antonio Maria da C. Marques da Costa, medico e deputado ao Congresso.
Arnaldo Ribeiro, farmaceutico e director do *Democrata*.
Bernardo de Sousa Torres, comerciante.
Elias Fernandes Pereira, medico e professor do Liceu.

DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

Uma jornada democratica

(Continuação)

Já se sentem os passos descendo a escada e vozes conhecidas se aproximam do portão principal do sr. administrador do concelho. São os autores da festa que, finda a *toilete*, se dirigem para os cumprimentos aos vultos do partido regenerador. Abre-se o portão e por entre o lusido estado maior destacam-se a figura do dr. Barbosa de Magalhães e as lunetas brilhantes do sr. Fernão de Lencastre. Uma vez em frente do Largo da Republica encaminham-se rua abaixo.

Chegados que fôram á porta do sr. dr. Artur Pinto Basto, entrou apenas o deputado, entretendo-se os restantes em peqnenos passeios ao ar livre.

Este facto causou espanto a alguem que não podia compreender como o sr. administrador não subia com o deputado até á sala da palestra, como desta vez abandonava o seu posto de sentinéla á vista.

E com olhares tristes fixava o vulto do sr. administrador, que a pequena distancia permanecia de cabeça baixa e de labios entre os dedos como que recordando alguma cousa perdida no passado. São, disse eu a esse alguem, os entraves de uma falta de convivencia intima, as distancias impostas pelas diplomacias sociaes, que não olham a tristezas nem a arrelias.

A dentro da habitação do ex-deputado corria animada a palestra emquanto que, cá fóra, faziam espaçados *traversés* os pares da companhia

Foi longa e as paredes indiscrétas vieram dizer-me ao ouvido que o sr. dr. Artur havia declarado que estava com o partido democratico, não como combatente mas com o seu voto, e que por esse motivo, abraçado ainda pela grata recordação dos tempos de Coimbra, acompanharia o dr. Barbosa de Magalhães á urna nas proximas eleições, podendo contar talvez com mais alguns amigos que o seguem sem perguntar para onde.

Ao fim de duas horas e tal saíu, sorridente, o dr. Barbosa de Magalhães, vindo dar tranquilidade aos espiritos anciosos dos seus amigos festeiros, que tão maltratados fôram por tão longa ausencia, devéras arreliadora para quem babituado estava a saber tudo na propria ocasião.

Ouvindo o resumo da palestra esfregaram as mãos de contentes pelo feliz exito do primeiro passo.

Mas os seus espiritos, que não descançavam um momento, tinham avançado já na busca das intenções em que se encontravam o dr. Anibal Beleza e o cidadão Oliveira Junior. Secundariam as pisadas do dr. Artur ou iriam mais longe como era necessario e como prognosticavam as deligencias feitas? Do primeiro havia algumas desconfianças; do segundo tudo estava entregue ao plano astucioso e certeiro do *grande democrata* e *sincero correligionario* escrivão Andrade, que dias antes havia visitado, num apêrto de mão politico, o grande industrial.

Na opinião do sr. administrador do concelho, opinião fundada nas palestras que tinha tido com o dr. Beleza e Andrade, tudo estava seguro e o resultado devia ser surpreendente. Bastavam alguns momentos a mais de paciencia. Soube-se realmente em pouco tempo dos resultados, que foram de uma surpreza... encantadora.

O dr. Anibal declarou ao dr. Barbosa de Magalhães que, atendendo á correspondencia trocada entre si e um cidadão altamente cotado no partido democratico, dava o seu voto, mas não entrava em campanhas eleitoraes, e que não podia escutar o pedido do deputado, acompanhal-o até junto do Oliveira Junior, porque não lh'o permitiam os seus muitos afazeres. E por mais esforços que se fizeram, nada demoveu o dr. Anibal Beleza da sua resolução.

Teve de partir só o dr. Barbosa de Magalhães para S. João da Madeira, onde se devia encontrar com o escrivão Andrade para, juntos, se dirigirem ao cidadão e industrial Oliveira Junior. Efectivamente emquanto o carro se perdia pela estrada nacional, levando o deputado ao sitio da ultima palestra politica, um homem montado num cavalo alazão, levando no bolso a *nota* para o que desse e viesse, pois politicamente já sabia que nada se arranjava, partia do Couto de Cucujães em direcção á fabrica.

Reunidos os tres e depois dos cumprimentos do estilo, entraram no assunto que os tinha levado até lá e que era do conhecimento prévio do cidadão Oliveira Junior. Depois de muitos argumentos, de varias frases, ouviu o dr. Barbosa de Magalhães a seguinte declaração: *não me meto por emquanto na politica.*

A esperança de maior valor acabava de exalar o ultimo suspiro.

Quando o dr. Barbosa de Magalhães chegou a esta vila e ao faz-tudo da politica concelhia contou o resultado, uma lagrima de infinda tristeza escaldiçou o coração do sr. administrador. Foi uma verdadeira surpreza para os que tinham como cérta a adesão do Oliveira Junior.

Se um estudo passageiro, mas refletido, tivessem feito desse cavalheiro, não tinham sofrido tanto, pois bem deviam saber que é um cidadão que olha e vê, que lê e assimila, e cujo cerebro tem a noção do dever e cujo peito alberga o amôr á honra e á dignidade.

O sr. administrador do concelho nunca se deu a esse trabalho, dormindo sonhos côr de rosa sob os olhares pirilampicos do fendal escrivão. Nunca o sr. Fernão de Lencastre pensou que o cidadão Oliveira Junior tomava semelhante atitude. Já onvia as vozes da multidão entoando, em delirio, os parabens ao sr. administrador do concelho, já se via bem colocado, já se sentia sobre os processos duma contadoria rendosa. Nenhum raciocinio fez sobre os integraes da politica, entretendo a sua imaginação em divagar pela sua futura grandêsa e independencia, pelos castélos do seu potentado politico onde os grandes da monarquia vinham ajoelhar, pedindo-lhe protecção e abrigo!

A infantilidade constróe desses castélos, que se desmoronam ao mais pequeno sôpro, deixando vêr, por entre os escombros, a incompetencia do arquiteto!...

Mas o que fazer agora?

Entregar-se á sua magua, carpir as suas tristezas, cruzar, emfim, os braços?

Não, mil vezes não. Ainda resta o jantar, que irá indubitavelmente recompensar todos esses infortunios. Basta que o relogio da egreja matriz anuncie a hora desse festim para voltar a alegria.

Soaram finalmente as sete badaladas e pela porta do Hotel Avenida desfilaram os convivas, que, aos magotes, palestravam nas circunvizinhanças.

A' volta duma meza enorme se sentaram uns quatro ou cinco republicanos, indiferentes, *talassas* e os escrivães que tinham lavrado o auto de entrega. Era uma heterogenidade de sentimentos politicos fazendo a apoteoso do partido republicano democratico oliveirense.

Durante o jantar alguem perguntou porque não estavam ali os velhos republicanos, porque não tinham sido convidados. E uma voz lhe respondeu que não havia logares para tanta gente...

Então para essa festa democratica havia logares para *talassas*, para individuos que aderiram no proprio dia e com licença do patrão, e não havia para esses republicanos? Melhor sería que fossem francos, que dissessem que não os queriam lá.

Isto é relativamente aos meus antigos companheiros de lucta, aos meus correligionarios do tempo da monarquia, porque emquanto a mim fui feliz em não ser convidado.

O jantar foi decorrendo, com bastantes incomodos moraes para alguns que lá estavam, e aos brindes se agradecêram trabalhos á democracia que pela sua grandeza são de toda a gente... desconhecidos.

O jantar foi mais uma decéção resultando dele sómente um aconchego de estomagos.

E o sr. administrador do concelho, vendo mais esta pedra basilar despedaçar-se, atirou-se, com todo o ardor duma alma apaixonada pelo resurgimento duma Patria nova onde os velhos processos da monarquia, os acostumados anichamentos injustos não fazem sentir o seu aroma revoltante, atirou-se, repito, para a certeza, para a realidade das cousas—para a sua votação de duzentos votos!

Agora desafia êle quem quer que seja que venha roubar-lhe o que tão seguro tem e que tão democratico é.

Como isto é triste e como de ilusões unicamente póde viver um organismo!

Se não fossem os factos, eu diria que tudo o que se fez não foi uma jornada democratica, mas uma comedia que só produziu mal ao partido republicano de Oliveira.

Para que esse mal não alastre, para que não crie raizes que sulquem profundamente a politica, ferindo homens, afastando inergias indispensaveis, é preciso que, sem perda de tempo, o deputado Barbosa de Magalhães, só ou com outros, volte a esta vila, mas para fazer a verdadeira jornada democratica.

14—VIII—1912.

O medico, **Lopes de Oliveira.**

Galinhas

E' o que se vê pelas ruas da cidade, sem que a policia e fiscaes da câmara espontaneamente, ao depararem com os bandos déssas aves que vagueiam por qualquer parte, intimem o seu internato na casa dos respectivos proprietarios.

Simplesmente uma vergonha, que se não dá em Paio Pires.

E não querem depois que as palmem...

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

AGOSTO	
DIAS	PHARMACIAS
18	ALLA
25	BRITO

Ainda as procissões

PROVIDENCIAS

Chegam-nos noticias sobre factos vergonhosos que a dois passos de nós se estão passando, dando em resultado para alguns dos nossos amigos, que se libertáram e não querem continuar submissos a costumes que as leis transatas tornaram obrigação, alguns dissabores que publicamente lhe tem sido proporcionados por imbecis de diversas categorías.

Resultante dum acinte que o angelico prior de Cacia, acompanhado por alguns dos seus velhos amigos que em tempos lhe proporcionaram a entrega da junta de bois que um papalvo resolvêra oferecer ao eclesiastico que provasse ser *virgem*, e que levou aquêle santo varão a habilitar-se ao premio, as procissões sucedem-se todos os domingos, produzindo-se conflitos entre os intolerantes que supõem ter o direito de não consentir áquêles que não professam nem se misturam em taes exibições, que estejam de chapéu na cabeça, quando é certo que ninguem lhe pergunta por que vão êles descobertos!!

Em Angeja, um solicito devoto, chegou a querer prender um cidadão que no pleno direito de manifestação de liberdade de pensamento estava coberto á passagem duma déssas cousas a que chamam *procissões*. A intervenção de alguem de bom senso, todavía, que a tempo fez vêr ao serafico santinho que mal iria ficar na sua proeza, que apezar de ter o aplauso do céu, tinha tambem a reprovação da lei, evitou áquêle cidadão o encomodo de ser levado á presença da autoridade.

Aos cidadãos regedores cumpre informar a autoridade superior do distrito da existencia dêstes factos e prevendo conflitos, proíbirem os prestitos que nada significam e antes são pretextos para ocorrencias que um dia poderão atingir gràves proporções.

Acabe-se de vez com este estado de cousas, que não póde continuar, respeitando-se a lei que não foi feita com outro fim.

CORRESPONDENCIAS

Anadia, 13

No proximo passado domingo o barbeiro José Maria Simões, désta vila, disparou contra sua mulher uma pistola por lhe constar que éla lhe não era fiel. Não a atingiu por disparar a grande distancia, fugindo a mulher por um quintal.

=Os exames do 2.º grau dêste circulo escolar vão correndo com toda a regularidade, devendo estar concluidos no dia 16 do corrente. Findos êles darêmos uma nota resumida do seu resultado.

=Fôram hoje para Lisboa os cidadãos Joaquim do Carmo Ferreira, Bernardo Barros de Moraes e o diretor da *Bairrada Livre*, a fim de, com delegados de outros concelhos, e representantes das comissões, protestarem perante o ministro competente, contra a nomeação do sr. Navarro Lobo para a comissão avaliadora dos predios.

C.

ANUNCIOS

Sociedade Construtora e Administrativa do Teatro Aveirense

Não tendo comparecido número legal de acionistas para funcionar a Assembleia Geral extraordinária convocada para ontem, são por este meio convidados os srs. acionistas da Sociedade Construtora e Administrativa do Teatro Aveirense, em obdiencia ao que dispõe o art.º 184 do codigo comercial, a reunirem-se em Assembleia Geral extraordinária no dia 8 de setembro proximo futuro, por 14 horas, no edificio do Teatro Aveirense, na Praça da Republica désta cidade, a fim de ser autorisada a Direcção a adquirir um motôr para instalação electrica no mencionado edificio e aparelhos cinematográficos, fazendo as competentes montagens e contrair um emprestimo pela melhor fórma que entender, ou que a Assembleia Geral determinar, para ocorrer ás necessarias despêsas.

Aveiro, 16 de agosto de 1912.

O Presidente da Mêsa da Assembleia Geral,

André dos Reis.

CASA DE PENHORES

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores da Rua da Revolução, afim de reformarem os seus contractos até 5 de setembro proximo, para não serem vendidos os respectivos penhores.

Aveiro, 13 de agosto de 1912.

João Mendes da Costa.